

29/05/2015 - 05:00

A anatomia do PMDB

Por **Cristian Klein**

Durante o regime militar, o MDB era formalmente o partido de oposição, mas não podia bater de frente com a ditadura. Nos últimos meses, seu descendente, o PMDB, reflete uma imagem inversa, mas de lógica semelhante. Tem seis ministérios, o vice-presidente da República, Michel Temer, é formalmente aliado dos petistas, mas não age como governista. Ocupa um vácuo aberto pela impopularidade da presidente Dilma Rousseff - pelo último Datafolha, 60% dos brasileiros consideram sua administração ruim ou péssima - e impõe sucessivas derrotas ao Executivo em votações do Congresso. Os rumos do país estão sob a influência dos presidentes do Senado, Renan Calheiros, e da Câmara, Eduardo Cunha, cabeças de uma espécie de parlamentarismo branco, liderado pelo PMDB. Há quase 30 anos - desde as eleições de 1986, quando elegeu 22 dos 23 governadores, na esteira do Plano Cruzado - o partido não exercia um protagonismo tão grande no cenário nacional.

Tamanho poder tem mexido em certezas quase absolutas e na capacidade de previsão do cenário político. Um exemplo é a "bateção" de bumbo em torno de uma candidatura própria à Presidência, em 2018. Trata-se de um projeto duvidoso, já que o PMDB não concorre desde 1994 e sempre dá prioridade às eleições estaduais. Delas extrai sua força parlamentar para eleger o maior número de governadores, senadores, deputados federais e se cacifar em Brasília. Para políticos e analistas, no entanto, não é mais improvável a guinada. O mais cotado é o prefeito do Rio, Eduardo Paes, caso a Olimpíada de 2016 turbine seu nome.



Outro exemplo foi a apreensão provocada no debate sobre a reforma política, que trouxe à tona a adoção do distritão. É um sistema de votação que só existe no Afeganistão, mas, com o engajamento de Temer e, principalmente, Cunha, chegou-se a acreditar que derrubaria o modelo atual, em vigor há 70 anos. Foi derrotado pelo plenário da Câmara na terça-feira, mas recebeu votação dez vezes maior que a lista fechada defendida pelo PT.

Antes se falava que o presidente da República, no Brasil, pode muito, mas não pode tudo. A máxima agora se aplica à tríade pemedebista, completada por Renan - não menos desafiador. Na véspera do 1º de Maio, o presidente do Senado desferiu as críticas mais duras a Dilma. Classificou de "coisa ridícula" o silêncio da petista no Dia do Trabalho. Para evitar panelaços pelo país, Dilma quebrou a tradição do pronunciamento presidencial em cadeia de rádio e TV. "[Ela] não vai falar porque não tem o que dizer. Não há nada pior que a paralisia, a falta de iniciativa, o vazio", afirmou.

Na falta da liderança forte no Planalto, o PMDB toma conta do espaço - ainda que seus dois caciques que comandam o Congresso sejam alvo de investigação na Operação Lava-Jato. Para domá-los, Dilma confiou a Temer - presidente nacional do PMDB desde 2001 e licenciado a partir de 2010 - a tarefa de cuidar da articulação política.

A aliança com os petistas é turbulenta. E nem de longe lembra a fidelidade do então PFL (hoje DEM) aos tucanos durante o governo Fernando Henrique Cardoso. O PT depende do PMDB para aglutinar a miríade de pequenas siglas numa base aliada heterogênea. "O PT não teve a sorte do PSDB. Chegou ao poder com um Congresso muito mais fragmentado. No governo Fernando Henrique, PSDB, PFL e PMDB juntos tinham mais de 50% do Congresso", afirma a cientista política Natalia Maciel, que defendeu no ano passado, pelo Iesp/Uerj, a tese de doutorado "Velhas Raposas, Novos Governistas: o PMDB e a Democracia Brasileira".

O trabalho traça o perfil do partido, considerado o fiel da balança em qualquer governo de plantão. Uma legenda que se beneficia de seu peso parlamentar e de sua posição central no espectro ideológico, capaz de se aliar à direita e à esquerda. Uma agremiação tachada de governista, fisiológica, até por um de seus maiores caciques regionais.

"Depois da morte do Ulysses, [presidente da legenda, morto em 1992] ficou um partido fisiológico mesmo", afirma Jorge Picciani

"Depois da morte do Ulysses [Guimarães, presidente da legenda, morto em 1992], ficou um partido fisiológico mesmo. Não é uma crítica infundada. Você não sabe o que o PMDB pensa sobre meio ambiente, sobre desenvolvimento econômico... Defende a Constituição, a legalidade. O que une é a defesa da liberdade, é democrático. Mas pode ser conservador nos costumes", reconhece o presidente do diretório estadual do Rio, Jorge Picciani, cujo filho, Leonardo, é líder da bancada pemedebista na Câmara dos Deputados.

Presidente da Assembleia Legislativa fluminense, Picciani foi o artífice do movimento "Aezão", um dos maiores sintomas da rebeldia do PMDB nas eleições do ano passado. Em resposta ao lançamento, pelo PT, da candidatura do senador Lindbergh Farias contra a reeleição do governador e correligionário Luiz Fernando Pezão, Picciani levou um pedaço do partido no Estado a apoiar o adversário de Dilma à Presidência, o senador mineiro Aécio Neves.

Hoje, no entanto, Picciani diz que já não se entusiasma pelo tucano, por ser "mais fraco do que imaginava", em razão de sua "incompreensão da luta política", da "insegurança em vários temas" e da imagem que ficou de seu governo em Minas. Aécio foi derrotado em seu Estado nos dois turnos da eleição presidencial. "[O governador de São Paulo Geraldo] Alckmin [do PSDB] tem mais experiência e densidade", afirma, ao falar sobre os rumos da sucessão de Dilma.

A declaração de Picciani é um retrato da maleabilidade dos pemedebistas e de como as adesões são pragmáticas, tanto em relação a aliados como a colegas de partido. Cada grande animal político no PMDB é cioso de seu território e cuida de protegê-lo. A força da individualidade serve mais ao espírito de grupo do que o contrário. Sobre os eventuais estranhamentos entre Renan e Cunha, Picciani afirma que falta "sintonia fina" entre os dois "por temperamento". Considera Temer um aliado, um conciliador, mas lembra que já o criticou por "bançar ministros fracos, como o Moreira [Franco]", e por ter assumido a articulação política e a negociação de cargos do governo federal. "Sempre divergi de Renan, mas tenho que concordar com ele quando chamou Temer de gerenciador de RH [recursos humanos]."

Escalada para o protagonismo

■ **Em 2013**, liderado por Renan Calheiros (PMDB-AL), o Congresso passa a apreciar vetos presidenciais, depois da eclosão do conflito federativo pelos royalties do petróleo. Até então, mais de 3 mil vetos, desde 2000, se acumulavam, sem análise do Legislativo

■ **Em fevereiro do ano passado**, o então líder do PMDB na Câmara, Eduardo Cunha, cria o bloco. O grupo reuniu mais de 250 deputados, governistas e da oposição, e desorganizou a base aliada da presidente Dilma. Cunha cristalizava a liderança entre seus pares

■ **Em abril**, o PMDB do Rio de Janeiro, seção mais importante do partido, racha, com o lançamento do movimento "Aezão". Coordenado pelo cacique Jorge

■ **Em junho**, em plêniária nacional de Michel Temer ac. Quatro anos antes, 1 dos votos dos conve

■ **Em outubro**, o 11 governadores, sete eleitorado governi à exceção da quedi

■ **Em 1º de feveri** da Câmara e impõe oficial do governo,

A respeito de Eduardo Cunha, com quem divide espaço no PMDB fluminense - seção mais poderosa do partido -, a visão é de que o presidente da Câmara pode estar passando do ponto. "A questão é para onde [ele] conduz isso [sua liderança]. O problema é não ser ditador no Legislativo. Tem que ter cuidado para não ultrapassar os limites da boa convivência. Não substituir o Executivo. 'Tá' muito arroz de festa. Mas não tira o brilho", diz Picciani, para quem Cunha tem o mérito de desgavetar temas para pôr em votação, mas "erra

com uma pauta muito conservadora".

Afinal, o segredo do sucesso do PMDB reside em boa parte no fato de não ter opinião formada sobre quase nada. Ex-pemedebista e ex-prefeito do Rio, o vereador Cesar Maia afirma que o PMDB "é o único partido que não tem programa partidário, nem de brincadeira" - o que também vê como uma vantagem. "O que é negativo para a sociologia política é positivo para aglutinar. Todos podem compor com o PMDB quando o Executivo está lá. É uma virtude quando a política se estilhaça."

Maia lembra que essa "inorganicidade" remonta às origens do partido, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), criado pelo regime militar para ser a oposição oficial à Arena, que sustentava a ditadura. Em sua opinião, era um binômio artificial, no qual o MDB era uma "oposição suave, já que a de maior energia fora cassada". Desde então, como um grande guarda-chuva, que abrigava diversas correntes da oposição, o PMDB construiu essa "capacidade de aglutinação". Quando o partido teve que tomar posição sobre temas relevantes, durante a Assembleia Constituinte, pontua Maia, acabou rachando, dando origem ao PSDB.

Ex-governador do Rio, eleito em 1986, no ápice do poder pemedebista, Wellington Moreira Franco destaca duas características da agremiação. A primeira, assim como sublinhado por Maia, está em sua origem: "É um partido que nasce oficial, foi um ato absolutamente arbitrário. Não houve nenhuma luta para que surgisse". A segunda marca é a de uma legenda "dos que acreditam na política", do convívio com a diferença e da negociação. "O PMDB conseguiu derrubar a ditadura sem dar um tiro, só com a participação eleitoral", diz.



Participante e observador atento da política brasileira, o ex-deputado federal Saulo Queiroz, que começou no PDS e foi fundador do PFL, do PSDB e do PSD, lembra que a primeira transformação importante no perfil do PMDB ocorreu com a abertura ao pluripartidarismo. Nos preparativos para as eleições de 1982, uma mudança na legislação - que visava favorecer o PDS, herdeiro na Arena - obrigou que os eleitores votassem de modo verticalizado, em candidatos de um mesmo partido. Com isso, o recém-fundado PP - liderado por

Tancredo Neves, que contava, entre outros, com o ex-prefeito de São Paulo e banqueiro Olavo Setubal, de perfil mais conservador - se viu forçado a ser incorporado pelo PMDB, pois "tinha muita cabeça, mas pouco corpo". Não estava estruturado para ter candidatos a prefeito e vereador por todo o país.

"Aí, o PMDB não era mais aquele partido com perfil à esquerda. Uma parcela grande do PDS também foi para o PMDB. É um fenômeno muito semelhante ao que ocorreu com o PSDB, que nasceu à esquerda, mas não tem nada disso mais", compara. "A esquerda não resiste ao tempo. Quando resiste, o povo vai para a janela bater panela", sentencia, numa referência aos protestos contra o governo federal do PT.

Outro momento de mudança no PMDB, segundo Queiroz, veio com a morte de Tancredo e a posse de José Sarney, político egresso da Arena e do PDS, que havia se filiado pouco antes para ser vice, já que coligação na chapa presidencial estava proibida. "Não é brincadeira. Sarney não tinha nem um fio do bigode da história do PMDB e virou presidente da República", afirma, acrescentando outros marcos que levaram o partido a virar um "balaio de gatos".

Entre eles, cita, estão a energia e a popularidade acumulada pelo PMDB durante o movimento das Diretas Já, iniciado em 1984. Era o partido que reconhecidamente empunhara a bandeira da redemocratização, da mudança. Depois, veio o Plano Cruzado e, apesar da ressaca com o fracasso do plano econômico, o PMDB já havia ampliado muito sua estrutura nos Estados e municípios. O racha na Constituinte tratava de provocar a debandada da maioria das figuras mais importantes e programáticas, que fundaram o PSDB, como Fernando Henrique Cardoso, Mário Covas, Franco Montoro e José Richa.

No partido ficava Roberto Cardoso Alves, líder do chamado Centrão, grupo suprapartidário que tentava impedir o avanço de pautas progressistas na Constituinte. Cardoso é o mesmo que justificou o fisiologismo em frase inspirada na oração de São Francisco de Assis: "É dando que se recebe".

Moreira Franco, no entanto, rebate o estigma de partido fisiológico. "Como sempre fomos muito fortes, é um partido de base local, temos muita presença nas duas casas legislativas. Isso gera um ambiente de inconformismo. Governos têm que negociar conosco e para nos desvalorizar nos tacham dessa forma. É a luta pelo poder. Mas para implementar políticas públicas é preciso ter cargos."

O partido, no entanto, notabiliza-se menos pelas políticas públicas e mais pela habilidade de mobilizar sua máquina eleitoral para reproduzir o poder. Desde a redemocratização, o PMDB sempre teve o presidente da Câmara ou do Senado, à exceção de 2007, quando Renan renunciou. É uma força que se alimenta do mando estadual e municipal, em que a legenda também sempre elege o maior número de prefeitos e vereadores - embora com tendência de declínio. Nas últimas duas eleições, o PMDB perdeu para o PT o segundo lugar em número de eleitores governados nos Estados. Mas emplacou, em 2014, o maior número de governadores: sete.

O vereador Cesar Maia afirma que o PMDB "é o único partido que não tem programa partidário, nem de brincadeira"

São esses caciques que serão decisivos para a viabilidade de um projeto de candidatura própria em 2018. "O PMDB jamais fez intervenções, atos de violência, nos Estados e municípios para fortalecer uma composição em torno de uma candidatura à Presidência da República", lembra Moreira Franco.

Em sua tese, Natalia também verificou a preponderância do local sobre o nacional ao analisar as atas do PMDB. Em 2006, quando os então pré-candidatos Anthony Garotinho, Germano Rigotto e Pedro Simon reivindicavam que a comissão executiva estabelecesse regras para a realização de prévias, os governadores da sigla entraram em contato com a cúpula partidária. "O que o Temer fala na ata é que a opinião deles, os governadores, é que importa, não poderia ir contra os interesses deles", diz.

Para Saulo Queiroz, caso haja um vácuo se o PT não lançar Lula, o PMDB poderia disputar com o PSDB: "Pode perfeitamente mudar o rumo, é questão de oportunidade". Para Paes, o mais provável é que em 2018 seu nome esteja na sucessão de Pezão. O governador, porém, o lança mais alto e justifica: "Quem serve para a governabilidade serve para governar".